



## **BULLYING NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: UMA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA**

**Pós-graduação do IFC-CAM**

*BATISTA, Sabrina<sup>1</sup>;*

### **RESUMO**

Devido à grande incidência de bullying nas escolas do Brasil e do mundo, o bullying está sendo constantemente estudado em diversas áreas, inclusive na Educação. Por causa dessa crescente, faz-se necessário mais estudos referentes ao tema. É partindo disso que objetivei realizar uma revisão bibliográfica na minha área de atuação que é a Educação Física para me aprofundar no assunto e propiciar o combate a esses atos de violência na escola e na disciplina que leciono. Encontrei 6 artigos de 2014 a 2018 (tempo delimitado a partir da Lei 13.185/2015) nas bases Scielo e Bireme para análise. A prevalência de bullying varia em torno de 20 a 30%, sendo que 100% dos alunos entrevistados nos artigos sabiam o significado de bullying, e a maior prevalência se dá no bullying verbal que fica em torno de 12 a 25%. Faz-se necessário um programa de combate efetivo do bullying por parte das autoridades competentes.

**Palavras-chave:** Bullying. Educação Física. Escola.

### **INTRODUÇÃO**

Este estudo surgiu da observação frequente dos variados tipos de violência no âmbito escolar, especificamente nas aulas de Educação Física em que atuo, e se tornou uma inquietação assistir às violências do tipo verbais e físicas, me sentir despreparada e sem conhecimento específico para combater e erradicar a mesma.

Podemos dizer que a violência escolar é a base de uma pirâmide da sociedade que já vem se construindo historicamente violenta e discriminatória. Sposito (2008, p. 03) define a violência como “todo ato que implica na ruptura de um nexos social pelo uso da força”. Este estudo abarca a temática da violência escolar, mais especificamente o fenômeno de bullying, tendo como foco as aulas de Educação Física em que o corpo, desempenho físico e a interação através dos jogos, estão em constante atividade.

---

<sup>1</sup> Professora de Educação Física pela Secretaria Municipal de Educação de Itajaí – [sabrina.jma@gmail.com](mailto:sabrina.jma@gmail.com)



Neto (2005 p. 164) com palavras duras nos expõe que “a violência é um problema de saúde pública importante e crescente no mundo, com sérias consequências individuais e sociais”. Os noticiários cada vez mais cotidianos sobre violência em todas as esferas da sociedade nos fazem um alerta sobre o quanto necessitamos de medidas preventivas de combate a violência. Charlot destaca:

Deve-se, portanto, conceder uma grande atenção à questão da relação com o saber quando se trabalha (como pesquisador ou como professor) sobre a questão da violência na escola. Certamente esta é uma questão que esta vinculada ao estado da sociedade, as formas de dominação, à desigualdade, uma questão que esta vinculada também as práticas da instituição (organização do estabelecimento, regras de vida coletiva, relações interpessoais, etc). (CHARLOT, 2002, p. 442)

A violência é uma experiência de vida muito particular e especialmente difícil. A criança e o adolescente são bastante vulneráveis aos efeitos negativos dela decorrentes. Este estudo se faz necessário para revisar o que se tem discutido, seus principais pesquisadores e verificar os resultados.

Diante do exposto, o presente estudo objetiva analisar os artigos escolhidos sobre bullying nas aulas de Educação Física Escolar no período de 2014 a 2018. Discutir seus resultados quanto à origem do bullying, as características dos envolvidos, e os principais motivos que dão origem a esta prática, bem como as perspectivas e conclusões de tais estudos.

## **PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS**

O estudo trata-se de uma pesquisa bibliográfica de estado da arte, com abordagem qualitativa, utilizando-se fontes que se referem ao bullying, violência escolar e bullying nas aulas de Educação Física. Foram consultados artigos de revistas científicas que estavam disponibilizados na plataforma Google Acadêmico, Bireme e Scielo utilizando como palavras chave: bullying, bullying e educação física, violência escolar, violência entre pares. Foram escolhidos 6 artigos entre 2014 e 2018.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**



Os percentuais de prevalência de bullying dos artigos analisados variam de 15 a 30% a resultados não quantificados, mas de análises de relatos. Em todos os artigos analisados praticamente 100% dos estudantes tinham conhecimento do “termo” bullying e o mesmo percentual já presenciou como “atos de violência” na escola e nas aulas de Educação Física. O maior percentual foi o bullying verbal que ficou entre 12 e 25% de incidência.

O bullying verbal se inicia desde a pré escola e de acordo com Carpenter (2011, p. 36) pode ser mais doloroso e traumático e abalar mais sua autoestima do que o bullying físico. O bullying verbal são apelidos, sarcasmo, xingamentos, maledicência, falsa amizade, rir dos erros dos outros, discurso preconceituoso, imitação, bullying sexual, ameaças e outros. Melim (2014, p. 68) nos aponta que existe uma tolerância excessiva do professor de Educação Física perante a indisciplina, permitindo que comportamentos sociais negativos se acumulem sem que haja uma resolução dos conflitos.

A Educação Física continua com um viés mais competitivo que cooperativo, tornando essas situações mais contínuas. No que tange às vítimas, grande parte delas prefere se calar e ignorar a situação por diversas razões, como um não respaldo das instituições, os profissionais darem pouco ou nenhuma importância, as pessoas acharem que tudo é “normal” “coisas de jovens e passa”.

Ferreira (2006) nos remete a pensar que:

“Enquanto se exalte excessivamente a competição, a excelência dos mais habilidosos, e não se dê oportunidade a todos por igual, não estaremos ajudando os mais fracos, poucos capazes e estaremos contribuindo para a discriminação social, intelectual, sexual e outras.”

Nossa sociedade está afundada de julgamentos pré concebidos de ordem física, moral e histórica. “O esporte deve ser trabalhado com um novo viés pedagógico que estimule valores que se constituem dentro do esporte, essa frequente violência entre os estudantes que são cada vez mais estimulados pelas disputas esportivas, gera uma necessidade de mudança de paradigma”. (Abramovay e Rua 2003)

O aluno “gordo” que por preconceito já o rotulam como “mal jogador”, o aluno tímido que por medo não consegue jogar com desenvoltura. Todos esses exemplos simplificam a causa de muitos atos de violência advindos do preconceito.



CHAVES (2018, p. 12) faz uma comparação com o antissemitismo e as condições que possibilitaram a violência:

[...] acerca do antissemitismo que passa a nos interessar é a de que, apesar dos elementos do antissemitismo concentrarem-se na intolerância em relação ao judeu, o foco do preconceito como um todo não se reduziria a tal objeto específico. Isso pelo fato do pensamento de ticket facilmente substituir um alvo por outro, revelando uma estrutura social que não tolera a diferença e a persegue. (CHAVES e SOUZA p 12 2018)

Chaves nos possibilita refletir que nem sempre o foco do preconceito se reduz a ele mesmo, existe uma intolerância que advém da sociedade estrutural que se constitui na história violenta de domínio das massas. Portanto, esse contexto histórico e social deve ser explorado como um ponto a explicar a violência que atualmente afeta a sociedade como um todo. Antunes (2008 p 34) levanta uma situação um tanto semelhante, quando diz que o agressor/bully ao manifestar comportamentos agressivos não apresenta uma causa ou motivo aparente, o que enfatiza esse acréscimo histórico social que já afeta seu subconsciente.

Não foram identificados percentuais em que a Educação Física promova maiores situações de bullying como sendo um incentivador desse tipo de violência, os mesmos percentuais para a escola toda foram verificados durante a Educação Física. Essa conclusão de Melim contraria uma das minhas hipóteses iniciais, de que as aulas de Educação Física poderiam potencializar o bullying. Contudo, foi diretamente verificado que a conduta do professor de Educação Física é um fator determinante para combater e prevenir que as situações conflituosas continuem. Melim (2015, p 69) aponta que “a tolerância ou a não identificação de determinados comportamentos provocativos por parte dos alunos pode ser um outro aspecto potencializador de situações discriminatórias nas aulas de Educação Física.”

Os artigos não apontam pertencimentos étnicos/raciais, também não verificam as meninas e os meninos separadamente, colocam todos os participantes num mesmo grupo e fazem reflexões das respostas dos questionários. São apresentados os pertencimentos etários e/ou a classe escolar à qual os estudantes pertencem. Quando pensamos na sociedade brasileira, cuja permanência do preconceito racial é muito latente, como comprovam os índices de violência contra a população negra, a ausência da caracterização étnico-racial traz uma lacuna para que se conheça os preconceitos envolvidos nas situações estudadas. Situação semelhante também pode ser lembrada com relação à identificação de gênero, já



que vivemos em um país cuja violência e homicídios contra a população feminina e transexual é muito elevado. Muitas outras atribuições de gênero que se enraizam no pensamento de que aquele indivíduo deve se enquadrar naquele determinado parâmetro, quando isso não acontece, os que se encontram vivendo nesse parâmetro encontram meios agressivos e verbalmente violentos para expor, ridicularizar, excluir. É necessário haver um engajamento dos profissionais que lidam com esses jovens, para desconstruir esses estereótipos, fazendo uma reflexão crítica de tudo o que a sociedade histórica e cultural nos fornece de verdadeiro, fechado e imutável.

De todos os artigos analisado, aquele que demonstrou uma preocupação em qualificar dados mais específicos as causas foi o de CHAVES (2018) que focou seu estudo em apontar através da Teoria Crítica um aprofundamento histórico de como a violência vem se perpetuando através das culturas e das políticas de poder. Também com relação ao conjunto analisado, 2 se propuseram a verificar através do mesmo questionário a opinião dos docentes com relação a violência em seu ambiente de trabalho, e assim verificaram se a resposta deles coincide com a resposta dos alunos que no caso, verificou-se os mesmos resultados.

De modo geral, podemos salientar a predominância do bullying verbal – situação trazida por todos os estudos – sinalizando para uma violência que é mais difícil de ser combatida e, muitas das vezes, amenizada pelas escolas e instituições. No entanto, como já afirmamos, ela pode ter consequências nefastas para quem sofre e, obviamente, perpetua uma cultura de naturalização da violência.

Sampaio (2015 p.351) nos salienta que o bullying por se tratar de questões que afetam o emocional, o psicológico dos jovens, deve ser pautado também como um princípio de saúde pública, onde toda a comunidade deve estar envolvida mediante um trabalho interdisciplinar, através da união de iniciativas políticas de inserção dos profissionais da saúde juntamente aos professores e alunos no ambiente escolar.

## **CONCLUSÕES**

Desde o ataque de um ex-aluno em Realengo – RJ, o bullying está em evidência na mídia brasileira. Outros ataques já ocorreram em graus diferentes, mas



mesmo a mídia destacando esse tipo de violência como preocupante, não se percebe políticas públicas realmente efetivas de combate ao bullying. Analisando essas pesquisas, conclui que o professor de Educação Física é figura essencial para determinar se as aulas práticas irão aumentar a incidência de bullying ou combatê-la. Os discursos de ódio que acometem nossa sociedade se tornam um agravante quando se trata da exposição de jovens a esses tipos de discursos que geram um paradigma de preconceito e julgamento a maneira de ser e viver das outras pessoas.

Nós, como educadores, devemos intermediar essas reflexões críticas acerca do que acontece na sociedade, para que essas pequenas ações na escola se transformem em ações civis e humanas fora da escola. Se dependermos somente de políticas públicas que nos representem, estaremos abrindo mão de um debate que também é nosso: a realidade da qual estamos inseridos.

## REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY M. RUA M. das G. **Violências nas escolas**. Brasília: Unesco, 2003.

ANTUNES D. C. ZUIN A. A. S. **Do bullying ao preconceito: os desafios da barbárie a educação**. Psicol Soc. vol.20, n.1, 2008 p.33-41.

BRASIL. Ministério da Educação. **Gênero e diversidade na escolar: formação de professoras(es) em gênero, orientação sexual e relações étnicos raciais**. Livro de conteúdo. Rio de Janeiro: CEPESC, Brasília: SPM, 2009.

BRASIL. Lei 13. 185, de 06 de novembro de 2015. Criou um programa de Combate a Intimidação Sistemática, 2015. Disponível em: < <https://presrepublica.jusbrasil.com.br/legislacao/253144600/lei-13185-15>> Acesso em 30 de setembro de 2017.

BRASIL. Lei 13. 277, de 29 de abril de 2016. Institui o Dia 07 de abril como o Dia Nacional de Combate ao Bullying e à Violência na Escola. Brasília, 2016. Disponível em: < [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2015-2018/2016/lei/L13277.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2016/lei/L13277.htm)> Acesso em 19 out. 2017.

BOMFIM D. L. CAMPBELL C. S. G. et all **Ocorrência de bullying nas aulas de Educação Física em uma escola do Distrito Federal**. Pensar a Prática, Goiânia, v. 15, n. 2, p 272-550, 2012.

CARPENTER D. FERGUSON C. **Cuidado! Proteja seus filhos dos Bullies**. Tradução Yma Vick – São Paulo: Butterfly Editora; p 25, 2011.



CHALITA, Gabriel. **Pedagogia da amizade – Bullying: o sofrimento das vítimas edos agressores**. 5. ed. São Paulo: Gente, 2008.

CHAVES D. R. L. SOUZA M. R. **Bullying e preconceito: a atualidade da barbárie**. Revista Brasileira de Educação, vol 23, 2018.

CHARLOT, B. **A violência na escola: como os sociólogos franceses abordam essa questão**. Sociologias, Porto Alegre, Ano 4, nº 08, 2002, p 432-443.

FERREIRA, V. **Educação Física – Interdisciplinaridade, aprendizagem e inclusão**. Rio de Janeiro: Sprint, 2006.

FERREIRA, N. **As pesquisas denominadas “estado da arte”**. Revista Educação e Sociedade, nº 79, 2002.

FANTE, C. A. Z. **Fenômeno Bullying: como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz**. 2 ed. Campinas: Verus, 2005.

LOPES NETO, A. A. **Bullying: Comportamento agressivo entre estudantes**. Jornal de Pediatria, 81(5): 164-172, 2005.

MELIM F. M. O. PEREIRA M. B. F. L. O. **A influência da Educação Física no bullying escolar: a solução ou parte do problema?** Revista Ibero Americana de Educação, vol. 67, num. 1, p 65-84, 2014.

OLIVEIRA, Flavia Fernandes de; VOTRE, Sebastião Josué. **Bullying nas aulas de educação física**. *Movimento*, Porto Alegre, v.12, n. 2, p. 173-197, maio/ago. 2006.

PEREIRA P. J. **O bullying nas aulas de Educação Física e o papel do professor de Educação Física**. Universidade de Brasília. Disponível em: < [http://bdm.unb.br/bitstream/10483/9646/1/2014\\_PatriciaJosePereira.pdf](http://bdm.unb.br/bitstream/10483/9646/1/2014_PatriciaJosePereira.pdf) > Acesso em: 15 de outubro de 2017.

SAMPAIO J. SANTOS G. OLIVEIRA W. SILVA J. MEDEIROS M. SILVA M. **Prevalência de Bullying e emoções de estudantes envolvidos**. Texto Contexto Enferm, Abr-jun; 24(2): 344-52, 2015.

SPOSITO, M. P. **A instituição escolar e a violência**. Instituto de Ciências Avançadas da Universidade de São Paulo, 1998. Disponível em:< [www.iea.usp.br/observatorios/educacao](http://www.iea.usp.br/observatorios/educacao) >. Acesso em: 15 set. 2008.

VIANNA J. A. SOUZA S. M. REIS K. P. **Bullying nas aulas de Educação Física: a percepção dos alunos no Ensino Médio**. Aval. pol. públ. Educ., Rio de Janeiro, v. 23, n. 86, p. 73-93, 2015.

WEIMER W. R. MOREIRA E. C. **Violência e Bullying: manifestações e consequências nas aulas de Educação Física Escolar**. Rev. Bras. Ciênc. Esporte, Florianópolis, v 36, n. 1, p. 257-274, 2014.